



Sea of Mud

Lula Falcãoⁱ

Tradução: Helena Cavendish de Moura^{ii 1}



Foto: Gabriela Biló / Estadão

¹ With special thanks to Andrew Michael Brown

The ship propels from the earth that dissolves into the ocean and sludge can be seen from its bow and stern. On the radio, on the last contact, they were informed of the existence of a phenomenon, still unnamed.

The authorities' main concern was to avoid panic, but that was two days ago. It remains unknown whether there are authorities still left on the continent or whether there even still is a continent.

Through binoculars: everything passes slowly, a sluggish and pasty tsunami traveling as at the beginning of time, in two directions.

We have no ideas for a partial solution to the drama that is unfolding and could change everything. At some moment it will be necessary to warn passengers that the port of destination no longer exists —nor does the port of origin.

On board, however, the cruise goes on as a cruise and not like an emergency retreat: casino gambling, tidy beds, elderly couples on their final voyage.

The vessel is immense and passengers aren't aware of what is taking place. Everything was normal when they embarked.

To fend passengers off the deck, a falsified weather alert for thunderstorms is issued.

The ship is safe, the crew lays brochures on display, and there is much merriment onboard. Everyone on the command bridge is attentive and concerned.

Adélia is in her cabin. She looks through the hatch and sees disoriented birds. It's probably nothing. She knows nothing about birds and their migrations. She thinks of Otavio, of last night, and the tedium of cruises. Why would a man be on his own, in a 230,000-ton transatlantic cruise ship with 5,999 strangers?

The sea is agitated, but it doesn't rattle the cruise ship. Waves of mud are still far off, far back and beyond, but we still have an advantage, the commander emphasized, thinking again that it could be just one wave instead of two.

At a certain point, it closes in on us, whirlpools and swallow us.

Another officer excused himself and asked how long this advantage might last—as it traveled from opposite sides—and where and when would it stop.

The Captain scratched his forehead, as in a film, and replied that he'd change the course in order to sail between these two mud-covered Himalayas.

Under the best of circumstances, we will be on a Fjorde. In the worst, in a solid Pororoça, a paste from the end of the world. He knows a bit of geology.

Cut-off from communication with all places on earth, the lone ship swerves South, under a nebulous sky. Passengers are here to forget about their lives onshore and it isn't worth concerning them with unpleasant news. The captain looks at the sea, asks himself from within himself, what could it be, the texture of this sludge.

Information released on the latest communiqué states that the phenomenon was not localized and reports inaccessible areas, ports destroyed, cities sliding away with the tepid lava.

Suddenly, a roar and later, silence. Passengers remained without internet. Once again, the Command blamed the mainland for this storm. And the storm, which the Captain did not expect, and of which he had lied about, was, in fact, just developing.

An attack on opposite sides, between the still distant sludge and enormous typhoons of water. The transatlantic, nearly taken over by the waters, trembled.

All along, Adélia treats it like it's a show. Her friends not so much, clenching their hands to the bed frame with horrified faces.

A disaster imminent, Otavio and Adélia have a chance encounter in the corridor. And subsequently, in conversation, one that seemed more natural and complicit than the night before, they raise questions regarding the ship's destination and of the public in general.

They know it is the end or something like it.

They decide to conduct an investigation, like passengers in *The Winners*, which Adélia read during adolescence.

But then they don't. They want to get on to the deck in order to see what is happening in the sky and the water. All doors are locked.

They become suspicious when they come across the staff while deciphering their faces. An officer passed by wearing heavy make-up disguising her panic.

To Otavio, it was the sobbing of another high-ranking officer who wailed while covering his mouth with both hands; fingers moved upwards to dry the tears.

On the bridge, a change of politics. There is nothing left to hide.

The Captain just made the decision make an address and communicate what is happening. The good news: the giant mud wave came to a halt. It solidified in the sea several meters from the ocean floor creating a wall in the horizon's new frontier, between passengers and the former continents.

Everyone should remain on the ship which, for technical reasons, would drop anchor right on location. It would be of no use to move forward without knowing whether there is still anything left ahead.

To return, the same issue. The way out of this would be to remain still while waiting for outside contact.

A speaker announcement states that passengers will receive a communique in their cabins concerning the situation.

Everyone thinks about the storm, while the Captain and a press attaché stand on the bridge discussing the terms of the communiqué whose unprecedented nature causes some compositional challenges.

What to say? Has the landscape changed? Could everyone's relatives be dead?

Only that which is known will be said, the Captain orders.

A rogue wave, an alien topography, the clay mountain on both sides—caused by unknown factors—and the end of the storm; that's all. The network is still down.

The swimming pool reopens to the public.

Mar de Lama²

O navio corre da terra que se dissolve no oceano e dá para ver a lama da proa e da popa. Pelo rádio, no último contato, informaram sobre a existência de um fenômeno ainda sem nome. A preocupação das autoridades era não criar pânico, mas isso foi há dois dias. Não se sabe se ainda há autoridades no continente e se ainda há continente. Pelo binóculo: tudo se passa devagar, um tsunami lento e pastoso movendo-se como no início dos tempos, em dois sentidos. Não temos a menor ideia para uma solução parcial do drama que nos envolve e pode mudar tudo. Em algum momento será preciso avisar aos passageiros que o porto de destino não existe mais – nem o de origem. A bordo, no entanto, o cruzeiro segue como cruzeiro e não como retirada de emergência: jogos no cassino, camas arrumadas, casais de idosos na última viagem.

O barco é imenso e os passageiros não sabem o que se passa. Quando embarcaram tudo estava normal. Para manter as pessoas longe do convés, foi anunciada uma falsa previsão de tempestade. O navio é seguro, mostram os folhetos, e há muita diversão a bordo. Todos na ponte de comando estão atentos e preocupados.

² <http://www.lulafalcao.com.br/2018/08/mar-de-lama.html>

Adélia está em sua cabine. Olha pela escotilha e vê pássaros desorientados. Não há de ser nada. Não sabe sobre pássaros e suas migrações. Pensa em Otávio, na noite anterior, e como são chatos os cruzeiros. Por que um homem estaria só, num transatlântico de 230 mil toneladas e 5.999 mil estranhos?

O mar fica um pouco agitado, mas não balança o navio. As ondas de lama ainda estão longe, lá atrás e lá na frente, mas temos vantagem sobre elas, ressaltou o comandante, pensando bem que aquilo poderia ser uma onda só e não duas. Em algum ponto se fecha em círculo e nos engole. Outro oficial pediu licença e perguntou até quando duraria a vantagem se aquilo vinha dos dois lados e quando e onde iria parar. O capitão coçou a testa, como faria num filme, e respondeu que mudará de curso para navegar entre os dois himalaia lamacentos. Na melhor das hipóteses, estaremos num fiorde. Na pior, numa pororoca sólida, uma pasta do fim do mundo. Ele entende um pouco de Geologia.

Sem comunicação com qualquer lugar do mundo, O navio solitário inclina-se para o Sul, sob um céu nublado. Os passageiros estão aqui para esquecer suas vidas em terra e não convém preocupá-los com notícias desagradáveis. O capitão olha o oceano, pergunta de si para si qual seria a textura dessa lama.

No último comunicado deu-se a informação de que o fenômeno não era localizado e indicou lugares agora inacessíveis, portos destruídos, cidades deslizando com a lava morna. Logo veio o ruído e depois o silêncio. Os passageiros ficaram sem internet. Mais uma vez, o comando culpou a tempestade no continente. Não havia previsão para a normalização do serviço. A maioria se conformou.

A tempestade que o comandante não esperava que viesse, e que mentira sobre ela, estava de fato, começando. Um ataque em dois flancos, entre a lama ainda distante e os tufões enormes de água. O transatlântico quase foi encoberto pela água, balançou, enquanto Adélia trata tudo isso como uma diversão. Suas amigas, nem tanto, pois mantém as mãos apertadas no varão da cama; rostos horrorizados.

Dada a iminência do desastre, Otavio e Adélia se reencontram por acaso, no corredor, e numa conversa subsequente – mais naturais e cúmplices do que no bar, na noite anterior -, desconfiam sobre o destino do navio e do público em geral. Sabem que é o fim ou algo parecido. Decidem investigar, como fazem alguns passageiros de Os Prêmios, que Adélia leu na adolescência. Mas não investigam o navio. Os dois querem chegar ao convés para olhar o que se passa no céu e na água. Todas as portas estão fechadas.

Eles desconfiaram porque cruzaram com tripulantes e leram seus rostos. Uma oficial passou pelo corredor com uma pesada maquiagem que lhe cobria o pânico. Para Otávio, foi o choro de outro funcionário graduado. Chorava e tapava a boca com as duas mãos; os dedos subiam para enxugar as lágrimas.

Na ponte, a política muda. Não há mais o que esconder. O comandante acaba de tomar a decisão de dirigir-se aos passageiros e contar o que está ocorrendo. A boa notícia: a onda gigante de lama havia parado. Solidificou-se do mar a muitos metros do chão, criando uma parede no horizonte, uma nova fronteira, entre os passageiros e os ex-continentes. Todos deveriam permanecer no navio que, por razões técnicas, iria lançar âncora ali mesmo e parar também. Não adiantaria ir em frente sem saber se ainda há algo à frente. Voltar, a mesma coisa. A saída seria ficar parado, à espera de algum contato.

Alto-falantes anunciam que os passageiros receberão em suas cabines um comunicado sobre a situação. Todos pensam na tempestade, enquanto o comandante e um assessor de imprensa estão na ponte discutindo os termos do informe cujo ineditismo causa alguma dificuldade de redação. O que dizer? A paisagem mudou? Todos os parentes das pessoas podem estar mortos? Será dito apenas o que se sabe, ordena o comandante. Uma onda desconhecida, uma nova topologia, a montanha de barro nos dois lados - causada por fatores desconhecidos – e o fim da tempestade; apenas isso. A Internet continua fora do ar. A piscina será liberada.

ⁱ Lula Falcão is a veteran Brazilian journalist and political activist whose work can be found in some of Brazil's top national publications such as O Globo, Veja Magazine and the Estado de São Paulo. Born and raised in Brazil's northeast region, Lula now lives in São Paulo where he has published numerous short stories and two books: "Iberê Segundo Paulo" and "Todo Dia Me Atiro do Térreo." He is the co-author of Frevo-100 Years. Lula is known and respected in Brazil's intellectual circles for his incisive wit and cultural breadth of knowledge, his self-effacing humor and his advocacy.

ⁱⁱ Helena Cavendish de Moura é jornalista e chefe da editoria Casa Forte. Ela mora em Córdoba, na Espanha. E-mail: helenacavendishdemoura@gmail.com